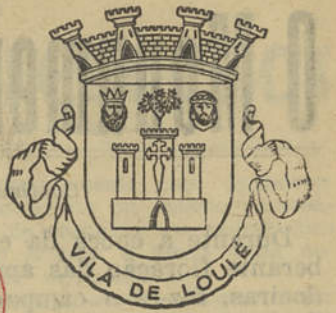


A Voz de Loulé



E' grande pro-
va de amizade
saber partilhar a
tristeza de alguém.

ANO V — N.º 121
JUNHO
9
1 9 5 7

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

O Problema do Tigo Industrial em vias de solução

A Direcção da Federação dos Grémios da Lavoura da Província do Algarve, composta pelos Srs. Eng.º Caetano José Ferreira, Dr. Jaime Guerreiro Rua, Eng.º José Martins Farragota e Salvador Gomes Vilarinho, respectivamente, presidente, vice-presidente, tesoureiro e vogal, acompanhada do vice-presidente do conselho geral, sr. José Tiago Correia e dos Srs. Governador Civil, Dr. António Baptista Coelho, deputados Eng.º Sebastião Ramires e Coronel Sousa Rosal, presidente da Junta de Província e presidente da Comissão Distrital da U. N., Dr. José Correia do Nascimento, presidente do G.º émio dos Exportadores de Frutos, Francisco Guerreiro de Barros e gerente do Grémio de Loulé, João Valladares d'Aragão e Moura, foi recebida no passado dia 3, pelo Sr. Ministro da Economia, junto de quem foi tratar do problema momentoso para

(Continuação na 4.ª página)

Tiro aos pratos

Conforme anunciamos, é hoje que, pelas 15 horas, se realiza no Parque Municipal de Loulé o Torneio de Tiro aos Pratos, cujo produto líquido reverterá em benefício da «Associação de Assistência à Mendicidade» da nossa vila.

Para conhecimento dos nossos prezados leitores publicamos a seguir as condições para a participação nas provas e os respectivos prémios:

Prova de abertura

Prancha a um tiro, 10 pratos; Distância, 12 metros; 1.º prémio, 40% das inscrições; 2.º prémio, 20% das inscrições; Inscrição, 50\$00 [pratos incluídos]. — Inscrição até final da 1.ª volta.

Prova de honra

Prancha a um tiro, 25 pratos; Distância, 12 metros; Inscrição, 120\$00 (pratos incluídos).

1.º prémio, TAÇA e 500\$00
2.º » » 250\$00
3.º » » 150\$00
4.º » » 100\$00
5.º Brinde da «Ourivesaria Fernando Laginha & Irmão»
6.º Brinde da «Ourivesaria Manuel Guerreiro Fernandes». — Inscrição até final da 1.ª volta.

As Taças que constam da «Prova de Honra» foram oferecidas pela Câmara Municipal de Loulé, Jornal «A Voz de Loulé», Espingardaria Algarve (Tavira), e Espingardaria Morais (Faro).

Apontamentos citadinos

IMAGENS DA FEIRA POPULAR

DOMINGO.
Das bandas do mar, um vento aguçado e frio: anacrónico, a revestir a noite de um manto invernal. Indiferentemente, e tão plenamente justificável como a obra apoiada pela Feira Popular, grinaldas de luz arrancam cintilações na fantasia verde dos arbustos.
Alegria.
Música.
É o causal humano, num fluxo contínuo a derramar-se pelas áreas ensaiadas.
«Indústria do Comércio e Indústria» — stands, exposições, e toda uma actividade económica da província ali representada.
Na barraca dos pirotos, a roda multicolor gira, num rodopio louco, arrastando na sua esteira os olhares dos presentes. Por fim, cansada, vai afrouxando o movimento; mais, cada vez mais devagar, até se quedar imóvel, a palhetar a indicar o vermelho. Protestos:
Batota! Houve batota! A roda está descambada. Sai sempre a mesma cor.
Amenizador, o proprietário, chapéu en-

bado, enfiado até às orelhas: — Aqui não há batota nenhuma, qual batota qual carapuça...
E logo numa lógica irrefutável:
— Perderam os srs. Ganharam estes srs. Tenham paciência. Prá outra vez logo ganham...
Há apenas dois bilhetes! Só dois bilhetes para esta série!
E o pregão eleva-se na noite, preso no vento, que o arrasta pela feira.
— Vai andar! Vai andar prá série 7...
E de novo as rodas giram, a decidir de entre a multidão os felizes contemplados.
Colar imenso de luzes multicores. Arrastar enervante as rodas, a riscarem a chapa, e a cuspiem fogo.
Choques, encontros, gargalhadas estridulas, correrias desordenadas, numa confusão caótica, a lembrar enormes formigas em animada dança.
E os avisos, siga pela direita ou é proibido chocar de frente, a perderem envergaduras, inúteis, grotescos.
Súbito, calma, e a ordem de um apito es-

tridente e de uma voz roufenha ao microfone: — Atenção à paragem! Mais um a corridinha que terminou...
Perto, indiferente ao bulício; o carroucel, o clássico carroucel, agora triste e apagado.
Sem vida, os cavalinhos quedam-se no salto apenas esboçado, e a miudagem fica-se a olhá-los, presa ao sonho de os cavalgar, e correr a desfilada pelas montanhas da ilusão e do sonho, numa aventura maravilhosa, tão bela como a própria meninice.
Na pista de baile, música dolente. Corpos enlaçados, fundidos num só corpo, coleando no ritmo morno da balada.
E as esperanças, os desejos, as ilusões, a diluírem-se nas tintas negras da noite, e a morrerem no próprio ritmo da vida...
E de novo a noite, fria e escura...
Para traz, a perder-se da distância que os passos aumentam, o mundo irreai e feérico da feira....
Faro, Junho, 1957
V. S.

O ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL em LOULÉ (III)

Além dos cursos, masculinos de serralheiro, montador-electricista, carpinteiro-marceneiro e construtor civil, e femininos, de costura, bordados e rendelarias, e para ambos os sexos, de comércio, existentes nas 3 Escolas Comerciais e Industriais do Algarve, tiram-se nas outras escolas do País os cursos de entalhador, vidraria, estucador-formador, ceramista, cinzelador, fiandeiro, tecelão mecânico, oleiro, canteiro, fundidor, caldeireiro, electro-mecânica de precisão, relojoeiro, técnico de óptica, pintura decorativa, etc., uns em cursos complementares de aprendizagem, outros em cursos de especialização de mestres de fábricas.
Talvez poucos saibam que se deve ao capital algarvio uma das tentativas mais interessantes de reorganização da indústria de cerâmica artística das Caldas da Rainha, fazendo-a passar da faze do trabalho lento e mal remunerado do artista fabricante de uma peça por dia, para o acabamento de muitas peças por dia.
Esta fábrica, com projecção internacional, dá hoje trabalho diário a 180 artistas, alguns, pintores, que são professores de desenho na Escola Industrial e Comercial da cidade, e exporta cerca de 500 contos de louça por mês, tem um capital em movimento de 10.000 contos e tem encomendas de todo o mundo, que não consegue cumprir, porque, sobretudo a América do Norte, aprecia bastante o que é característico de cada região ou país...
Ora, segundo a opinião dum professor de Tecnologia da Cerâmica, que nos forneceu estes elementos, o estabelecimento da indústria de cerâmica artística não depende já hoje da abundância de matéria prima, na região onde se instale, porque, com a facilidade e a modicidade dos fretes, as matérias vêm de qualquer região. É o que sucede, por exemplo, nas Caldas da Rainha, que recebe matérias primas de zonas afastadas, e até a Alemanha está a importar caulins da região de Vila Nova de Gaia.
O que interessa sobretudo ao estabelecimento desta indústria é a qualidade e a quantidade dos artistas modeladores e da técnica aperfeiçoada.
Mas se o Algarve é conhecido por ter muitos poetas... suponhamos que também não será difícil encontrar artistas, mesmo os que saiam dos profissionais mais humildes, como são os oleiros.
Por outro lado, considera-se hoje a louça típica de costumes regionais um dos meios de propaganda para o fomento do Turismo de um país ou província...
Deixo aqui estas notas, porque há cerca de 10 anos, um louletano já falecido, Gaspar Fêria Domingues, fez várias tentativas para organização da indústria de cerâmica no Algarve, no que teve a auxílio do Dr. Matos Parreira, então presidente da União Nacional da Província.

A. S. P.

O problema das instalações desportivas na província

E que problema! A sua resolução nem ao de longe é vislumbrada. É pena, porque o Desporto é mais, é muito mais, do que esse Rei a que chamam Futebol, e que dia a dia, se vai transformando num meio de estupidificação social. Porque não são desportistas todos os que assistem a esse espectáculo desportivo... Por-

que para a maior parte dos entusiastas do futebol, a palavra Desporto significa apenas partidatismo sem limites pelas cores dum clube determinado... Porque nesses clubes desportivos (louváveis as excepções) não se constroem almas sãs em corpos sãos, mas deturpam-se as almas, a favor de um aproveitamento total dos corpos. Porque... [muito mais haveria para dizer sobre esta matéria, mas vamos ao que interessa].
Sem educação desportiva não pode existir Desporto, na sua verdadeira e elevada concepção. O nosso povo (generalizo por me referir à grande maioria) não sabe, não tem a mínima ideia, do que é Educação Desportiva. Por várias razões, de várias ordens. Todas elas interligadas: a razão moral, a razão social, a razão económica...
E nas Escolas Primárias que deve começar a Educação Desportiva. Sim, quando crianças podem ser guiadas facilmente no caminho da verdade, quando as inteligências são moldáveis como o barro fresco. Não acontece tal, pelo menos nas escolas da província...
Deste modo, há uma grande percentagem de crianças que, impossibilitadas de frequentar os estabelecimentos de ensino secundário, jamais

(Continuação na 3.ª página)

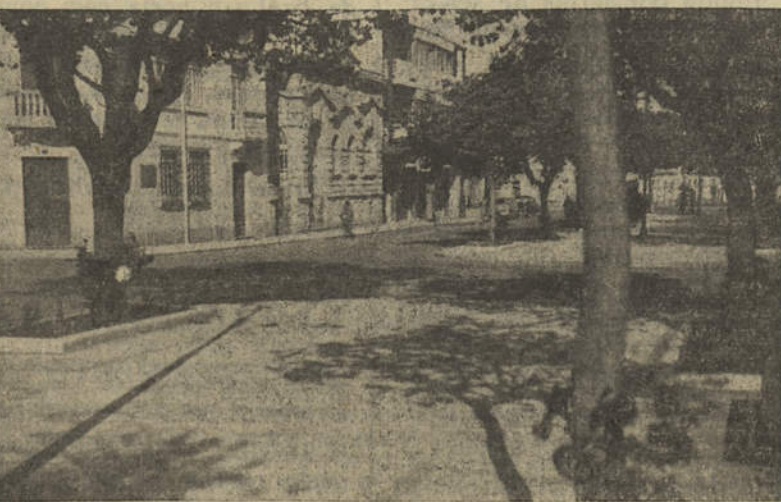
Os resultados de um apelo

A Cantina Escolar

Os louletanos não desiludiram.
A Cantina Escolar de Loulé pode afinal continuar a sua obra de beneficência, porque os louletanos se dispõem a ajudá-la.
A Câmara, sempre pronta a acudir às necessidades do seu concelho, foi a primeira a contribuir com um valioso donativo que muito ajuda a manutenção da Cantina. E' por isso merecedora da nossa gratidão. Há novos sócios e importantes ofertas e há gestos que valem mais que as generosas ofertas que os acompanham...
Está provadíssimo que os louletanos são baírristas. Ci-tarei apenas o caso duma «Família louletana», residente em Lisboa, onde os ecos da terra natal chegam palpantes pela «Voz de Loulé». Apenas três ou quatro linhas dirigidas à professora O. M. C. acompa-

(Continuação na 4.ª página)

Aspectos da nossa terra



Nesta magnífica perspectiva da Avenida José da Costa Mealha está bem patente todo o seu encanto, feito de modernismo e poesia...

Antes do erro se corporizar

O MONUMENTO AO INFANTE

Temos lido, com o mais vivo interesse, tudo que nos tem vindo parar às mãos sobre o desditoso Monumento ao Infante e, talvez porque não juntamos bem as letras com as músicas, não adiantamos mais um dia do que outro.

Há quem, bebendo do fino, ou querendo parecer que sim nos deixe cair lá do alto, à guisa de explicações, umas meias palavras,—como que a defunto que não merece mais cera,—sobre o facto de Sagres não merecer o Monumento.

Se é porque realmente não merecemos mais cera ou se é porque quem assim confusamente nos fala o faz mais para agradar a quem tomou a decisão de prejudicar Sagres do que por saber de facto da coisa, eis um caso que também estimaríamos conhecer.

A indústria louvaminheira está por tal forma florescente em Portugal que não é ousado pensar-se assim.

Há também quem fale em convénio artístico internacional aprovação de maquetes e de toda uma série de leornas que nos deixam cada vez mais perplexos.

Confessamos não entender.

Por Sebastião Leiria

Afigura-se-nos mais gongorismo nebuloso e safaro para selar bocas recalitrantes do que prosa esclarecedora.

Quanto às razões da não construção do Monumento em Sagres, Jesus! Valha-me Deus!

É quem mais pode bater na indefesa rocha e neste pobre Algarve.

É fóra de mão: não tem industria hoteleira; poucas pessoas visitaríam o Monumento; a rota de S. Vicente não tem navegação: que sabemos nós mais!...

Fantástica, simplesmente, esta facilidade de falar mal das coisas que desmerecem o favor do governo do país.

Determine ele ao invés e ver-se-á que já há tudo; que toda a gente vê o Monumento facilmente; que a rota de S. Vicente é uma das mais movimentadas e que, com justiça, o Monumento só poderia ser erguido em Sagres!!!

Examinando uma a uma estas razões:

«É fora de mão».
Fora de mão estão a Cava de Viriato, o Mosteiro da Batalha.

(Continuação na 2.ª página)

O problema musical de Loulé

O Maestro Virgílio de Sousa Viegas, actual regente da Banda «Artistas de Minerva» fa-la à «Voz de Loulé»

Entrevista do nosso redactor
Luís Sebastião Peres



Nunca deixei de acompanhar o âmbito musical e recreativo da minha província, onde sempre existiu o amor à música, mas um amor tão convicto e arreigado, que, não havia cidade, vila ou aldeia, que não primasse por apresentar as suas magníficas Bandas; todas ou quase todas, saídas das Sociedades Recreativas locais.

Ainda rapaz novo já ouvia falar nas Filarmónicas de Loulé. Mais tarde, já homem feito, tomei o primeiro contacto com uma dessas bandas (não sei se a «Nova» se a «Velha», nuns festejos em Ayamonte (Espanha)).

Terra de fama musical — Loulé — marcou sempre no meio filarmónico português, como detentora de duas magníficas bandas, mantidas por um «baírrismo» local, que, por vezes, attingiu o delírio.

Esse «baírrismo» dividiu a vila em dois partidos: os da «Velha» e da «Nova». E assim, a linda vila louletana viu convergirem-se para as suas bandas musicais — o orgulho do seu povo — os olhares de toda uma província e, até mesmo, a admiração de uma grande parte do País.

Após umas décadas de verdadeiro apogeu recreativo e musical, colocando Loulé num plano ímpar, no conceito musical algarvio, eis que começa a verificar-se o seu declínio, fazendo perigar a sua existência, ou pior: o desaparecimento de tão tradicionais sociedades musicais, tão necessárias à vida e cultura do povo louletano.

Criado num ambiente verdadeiramente musical, pois que na minha TAVIRA, também, além de boas Bandas Regimentais, que por ali passaram nos deu duas

«boas» filarmónicas: «Namurrais» e «Limpinhos», de gloriosas tradições, e uma excelente Banda Municipal, que grangeou imensos triunfos e aplausos onde se fez ouvir; levou-me a inquirir da situação de uma dessas filarmónicas, louletanas «Artistas de Minerva», por saber que actualmente tinha por seu Regente, um músico de carreira, o Maestro Virgílio Viegas, pessoa muito minha amiga e detentora de um brilhante passado artístico. Como assim, solicitei-lhe a entrevista que vão ler. Mas antes, para se aquilatar das qualidades profissionais do novo Regente da banda «Artistas de Minerva», isto é, do quanto ele pode dar para o ressurgimento de tão tradicional instituição de recreio, que transcervemos algumas notas da sua vasta biografia:

«Assentou praça em 1920, como aprendiz de música em Infantaria 4, em Faro. Dois anos mais tarde, concorre como Sargento à Banda de Música da Armada, onde serviu durante 35 anos; desempenhando durante 18 anos, funções de solista cornetim.

Como 1.º Trompeta fez parte de várias Orquestras de Concerto e Jazz.

Em 1937, por convite do Comandante da Brigada Naval da Legião Portuguesa, Senhor Comandante Henrique Tenreiro, to-

(Continuação na 3.ª página)

O Monumento ao Infante

(Continuação da 1.ª página)

Durante a época da exuberante floração das amendoeiras, faz-se a campanha deste formidável caso turístico, genuinamente algarvio? Acabaram os combóios ronceiros e antiquados que servem o Algarve e deram-lhe outros, rápidos, confortáveis, frequentes, além duma recente e insuficiente automotora?

Sem isto, sem o batido Monumento de Sagres e outros motivos de interesse que prendam o turista, como pode o Algarve manter e desenvolver uma indústria hoteleira? E para quê?

«Poucas pessoas visitariam o Monumento».

Depois do que atrás se diz, amparando-se o Algarve como terra não enteada mas portuguesa, quem se atreveria a fazer tal afirmativa?

«A rota de S. Vicente não tem navegação».

No Desfiladeiro das Termópilas os espartanos deixaram uma pedra gravada, assinalando, para sempre, o seu acto heróico, e, a despeito de ali não existir estrada de primeira classe, ela ficou no local próprio gritando ao mundo a sua existência.

Foi ou não foi de Sagres que largaram as caravelas os barcos da descoberta? Foi ou não foi ali que o Infante sofreu as angústias da dúvida e da espera infinita? Foi ou não ali que o sonho se fez luz para tornar gigante uma pequena nação, cobri-la de assombro aos olhos do mundo e de imorredoura glória?

Sim, foi dali.

Foi de Sagres, dessa fálsea fulva e áspera, onde o mar se vai despedaçando, que o Infante pertinazmente, audaciosamente, venceu esse mesmo mar, queimando nisto toda a sua vida.

E ali que há que assinalar, ali o local.

O marco milenar tem de ser ali erguido sob pena de sacrilégio levantando-o em chão impróprio, para enriquecer vaidosamente o patrimônio da capital dum império com um arrebique frio, pretencioso, insincero, embora cómodo aos noventa por cento adulterados turistas de pexisbeque que por aí giram.

Respeite-se a memória do Infante de Sagres e, em sua honra, levante-se-lhe ali um sinal. Não em Lisboa, não no Bugiu, não em Vila Franca, Chão de Maçãs ou qualquer outro disparatado lugar, mas no sagrado local onde o extraordinário fenómeno ocorreu: SAGRES.

E não se diga zombeteiramente que os algarvios

não param de choramingar por lhe tirarem o Monumento, porque isso é ignóbil.

Os algarvios não choramingaram quando generosamente jogaram a vida no bojo dessas caravelas que o Infante lhes deu para que fossem desvendar o mar e aumentar Portugal — que tanto os ignora.

Os algarvios apenas se batem para que seja respeitada uma das mais brilhantes figuras de toda a nossa história.

Sagres e o Infante completam-se. Nunca ele nos aparece separado de Sagres. Como separá-los, agora, sem mutilação duma imagem histórica indivisível?

Não pode o sagrado solo de Portugal oferecer maior cenário para tal Monumento do que a grandiosidade do Promontório Sacro, sussurrante de marulho, frente à imensidade do oceano, naquele ambiente místico onde perpassam evocadoramente em cada pedra os dramas que homens de grande fé e vontade ali deixaram escritos para sempre.

O Monumento ao Infante em Sagres é cumulativamente o monumento a todos os mártires e heróis que escreveram a maior epopeia marítima do mundo.

Se o projecto aprovado é muito dispendioso para o conturbado momento que vivemos, se outros entraves há e possibilidade não existe de recomeçar, assinale-se desde já, nas próximas comemorações do Infante, nem que seja com um desses milhentos padrões que os nautas das descobertas espalharam por todo o mundo, o local do promontório histórico onde, oportunamente, se levantará o Digno Monumento ao imortal Infante, mas não se pense mais em perpetuar essa irremediável fraude histórica do Monumento em local diferente de Sagres.

Embora o imenso fosso do Tejo não permita que a nossa voz penetre na cidade de Portugal, aqui a deixamos cumprindo o imperativo da nossa consciência como portugueses e como algarvios.

Sebastião Letria

PICK-UP

VENDE-SE

Fabrico alemão, estado impecável, com aplicação para discos micro gravados.

Quem pretender dirija-se a Micro-Rádio — Rua de Portugal — Loulé.

MAGAZINE

NO ESTADO DE S. PAULO VIVEM 222.593 PORTUGUESES

Os portugueses formam o mais numeroso grupo de estrangeiros no Estado de S. Paulo, totalizando 222.593 pessoas, das quais 141.496 na capital do Estado e as restantes nos diversos municípios do interior.

Segundo os mesmos elementos estatísticos do fim do ano de 1955, veem a seguir as colónias italiana com 208.271 pessoas, japonesa com 146.342, romena com 14.326, síria com 13.929, libanesa com 11.916 e, finalmente, a argentina com 10.954.

Além disso, há no Estado de S. Paulo 10.148 apátridas e limitam-se a um representante, as tunisiana, sudanesa e coreana.

SEMANA DO MANDRIÃO

No domingo, nada faço
— porque sou fiel e cristão
Na segunda porque abraço
— da preguiça a profissão.
Na terça porque o cansaço
— me obriga a ser mandrião.
Na quarta não dou um passo
— porque temo dá-lo em vão.
Na quinta porque adeço
— com medo de trabalhar.
Na sexta porque padeco
— duma afecção pulmonar.
Sábado porque conheço
— que é preciso descansar.

PORTUGUESES EM ESPANHA

Os portugueses figuram em primeiro lugar entre os estrangeiros, residentes em Espanha com uma colónia de 16.693 pessoas, segundo revelaram as estatísticas espanholas. Seguem-se os alemães, os franceses e os italianos.

DESAPARECEM AS COZINHEIRAS

Dentro de quinze anos, a gastronomia «artesanal» terá passado à história — declarou George P. Larrik, comissário da administração federal da Alimentação e da Farmácia Americana. Acrescentou que as donas de casa passarão a comprar exclusivamente géneros pre-cozinhados, empacotados em celofane; começará então a era da gastronomia «industrial».

Declarou ainda que os serviços que ele dirige estão satisfeitos com os progressos verificados na indústria dos alimentos pré-cozinhados, se bem que levantem um «problema formidável» ao obrigarem o Estado a verificar a inocuidade dos produtos químicos utilizados na preparação das comidas a fim de lhes conservar o gosto, a cor e a frescura.

A «Voz de Loulé» — Loulé
N.º 121 — 9-6-1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO
(2.ª publicação)

Pela 2.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial da comarca de Loulé, correm éditos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, contestarem, querendo, a Acção de Processo Sumário que Luiz Lopes Pontes Maceta, solteiro, médico, residente na Rua das Trinas, n.º 103, rés do-chão, da cidade e comarca de Lisboa move contra Incertos, na qual o autor pretende se decida não existir qualquer servidão de passagem de pé, de animal de carga ou de carro, no seu prédio rustico situado no Porto de Alte, freguesia de Alte, desta comarca, constituído por terras de sementeira e de arvoredo e que confina do nascente com viua de José Dias Teixeira, norte com Morgado de Alte, poente com viua de Luiz de Benafim Pequeno e sul com estrada e viua de José Romão Coelho, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo n.º 7.846 e descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 10.175, a fls. 122 verso, do Livro B-26.

Loulé, 23 de Maio de 1957.

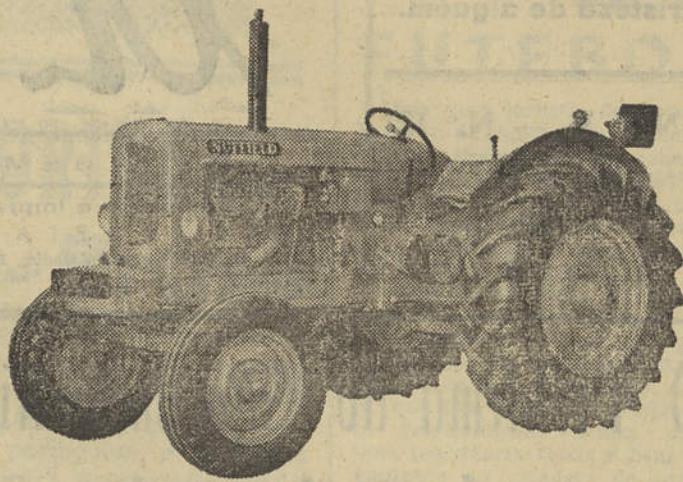
O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio A. da Veiga
VERIFIQUEI

O Juiz de Direito

a) Mariano Barbosa Vicente J. or

"NUFFIELD-UNIVERSAL"

O mais moderno
e completo
TRACTOR DE RODAS



Características principais:

Tractor «NUFFIELD-UNIVERSAL» modelo «DM-4»

Motor «BMC» Diesel tipo «OEA/2», de 45 HP.
4 cilindros, desenvolvendo 43 HP no tambor de acionamento e 41 HP na barra de tracção.
Caixa de 6 velocidades: 5 para a frente e 1 para a rectaguarda.
Travão de mão para estacionamento.
Travões de pé independentes.
Arranque e instalação eléctrica (máximos, médios e mínimos) incluindo farol de lavoura e buzina.
Pneus: 7.50" x 18 com 6 telas à frente e 14" x 30 com 6 telas à rectaguarda.
Eixo das rodas da frente ajustável.
Rodas de trás ajustáveis.
Tambor de acionamento montado à esquerda, com embraiagem e conversão para a correia trabalhar para a rectaguarda.

Sistema hidráulico de 3 pontos de apoio para alfaia e báculos montadas.
Cortina de radiador e termómetro
Barra de tracção ajustável.
Conta horas
Tomada de força
Ferramentas e caixa para as mesmas
Almofada
Peso exterior montado à frente
Manivela
Espelho retrovisor e reflectores
Peso do tractor 3.080 quilos.
Peso bruto rebocável autorizado 5.625 quilos

Distribuidores exclusivos:

H. VAULTIER & C.ª

Telefone 239

9, Rua Conselheiro Bivar, 9-A

F A R O

Leia com atenção

Calvez lhe interesse

um destes carros...

Fiat (gasoil) série 20
Fordson — utilitária — série 15
Bedford c. fechada — série 16
Anglia — barato
Sinca 500 — série 12
Isabela — série 22
Moto Norton 5 H. P.
Óptimas condições de preço e de mecânica.
Ver na Garagem Avenida — telefone 135 — LOULÉ.
Tratar com Manuel F. Martins (ANICA) — Loulé.

Propriedade VENDE-SE

Por motivo de partilhas, recebem-se propostas para a venda da propriedade denominada HORTA DOS CANOS, que se compõe de terra de sequeiro e regadio com água de rjó e casa de habitação e de caseiro, confrontando com o Largo das Portas do Céu e a Ponte de Faro.

Dirigir a Viuva de Manuel Moreira — LOULÉ.

CASA

VENDE SE uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos, separados, para arrecadação, junto à estrada de São Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardino LOULÉ

Trespasa-se

ESTABELECIMENTO de mercearia que pode servir para qualquer outro ramo de negócio, na Rua Ataíde de Oliveira — LOULÉ, (próximo do Mercado). Tratar nesté local com Manuel Lourenço.

Voo das aves

O Serviço Central de Investigações da Migração das Aves, Estação de Anilhagem de Marrocos, Instituto Científico Cherifiano, de Rabat, comunicou ao Instituto de Zoologia «Dr. Augusto Nobre», da Universidade do Porto, haver sido capturada em Douar El Hediane, Fraction El Ataya, da Tribo dos Rehmma, no dia 20 de Abril p. p. uma andorinha portadora duma anilha do referido Instituto de Zoologia.

Esta andorinha foi anilhada em Mindelo, (Vila do Conde) no dia 15-VII-56.

O sr. Susan L. Oliver, de Sheffield, Inglaterra, comunicou ao mesmo Instituto, que no dia 12 de Abril p. p. ali foi apanhada uma lavandisca também conhecida pelos nomes vulgares de Lavandeira, Arvóla, etc., com uma anilha onde se lia:

MUS. ZOOL. UNIV. PORTO PORTUGAL 1895

Esta ave foi anilhada em Mindelo, no dia 27-X-54.

O Instituto de Zoologia da Universidade do Porto, prossegue no estudo científico da migração das aves. No posto de anilhagem recentemente organizado em Lagos, sob a direcção do sr. Capitão Lourenço F. Duarte, foram ultimamente anilhadas 36 galvotas.

Ministério da Economia

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, Engenheiro-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a firma Nunes (Irmãos), Lda, requereu licença para instalar um armazém de gasolina, petróleo, gásóleo e «fuel-oil», com a capacidade total aproximada de 10.000 litros, classificado na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sito na R. Dr. Oliveira Salazar — Alte, freguesia de Alte, e nelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Incalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Lisboa, 27 de Maio de 1957.

O Eng.º-chefe da 2.ª Repartição
António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 121 — 9-6-57

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 2.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando a ré Dorila de Sousa Roques, casada, doméstica, ausente em parte incerta, cuja última residência conhecida foi na Rua Gil Eanes, no povo e freguesia de Quarteira, desta comarca, para no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, a Acção de Divisão de Coisa Comum que contra ela e Manuel Lopes dos Santos move o Dr. Virgílio Fonseca da Cunha, que usualmente assina Virgílio Cunha, advogado e esposa D. Maria da Glória Costa de Almeida Cunha, dona de casa, residentes na Rua de Santa Marta, 41, 1.º da cidade e comarca de Lisboa, na qual os autores pedem que seja adjudicada ou vendida, por não ter divisão, uma morada de casas com quatro divisões e dependências, situada na Rua Gil Eanes, com o n.º 26, em Quarteira, confrontando do norte com António Rocha, sul com Manuel Ribeiro nascente com Joaquim Lourenço e poente com a Rua Gil Eanes, inscrita na respectiva matriz sob o art.º n.º 578 e omissa na Conservatória do Registo Predial.

Loulé, 27 de Maio de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
VERIFIQUEI

O Juiz de Direito

a) Marino Barbosa Vicente Júnior

VENDE-SE

Um armazem e uma morada de casas, na Avenida Marçal Pacheco.

Tratar com Viuva de João Caetano de Sousa Leal — LOULÉ

Este é dos felizes!

Comprou uma Moto-Bomba

«RIMAC»

por ser a única marca que em Portugal se vende com seguintes características:

Motor americano «Clinton» a 4 tempos . 2 H.P.
Bomba de ferro automática 1 1/2"
Aspiração e elevação total . . metros 17,5
Tiragem de 18.000 litros de água por hora, com o consumo apenas de 1/2 litro de combustível (petróleo ou gasolina)

Não é de alumínio, dura uma vida, tira água quando é preciso e... custa só Esc. 3.000\$00

Para esclarecimentos consulte:

José G. de Sousa Oliveira
LOULÉ

Em exposição no:

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5

Telefone 277

LOULÉ



O problema musical de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

mou a seu cargo a regência da Banda de Música da referida Brigada, cargo esse que ainda hoje desempenha.

Em 1940, por convite, reorganizou a Banda de Música da Casa dos Pescadores da Costa da Caparica, regendo-a durante 9 anos. Foi, durante alguns anos, professor de Canto Coral dos alunos da Fragata D. Fernando, funções que deixou de exercer por serem excessivas e carecer de algum repouso.

Uma vez aposentado, a pedido de vários amigos e conterrâneos e, ainda, por ser louletano 200%, está a reger a «sua Banda» onde iniciou a sua carreira musical.

Possui as seguintes condecorações: Medalha de Prata de Excmpliar Comportamento da Armada; Medalha de Filantropia e Caridade dos Socorros a Náufragos e com a Medalha de Ouro de Dedicção da Legião Portuguesa por serviços prestados na Brigada Naval.

Por estas notas biográficas que hoje damos a conhecer aos leitores de «A Voz de Loulé», se conclue estar de parabéns a Sociedade Filarmónica «Artistas de Minerva», pela valiosa aquisição de tão insigne musicólogo para seu Director artístico.

Como atrás digo, não sou da «Velha» nem da «Nova», merecendo-me ambas a minha muita admiração, pelo que de bom e frutuoso têm feito para a cultura musical da minha província; sentindo-me, pois, satisfeito por saber que o «bairrismo» musical em Loulé, voltou novamente a vibrar, como há 80 anos, de que só o Algarve tem a lucrar.

Entretanto pois, na nossa conversa que aqui em Lisboa, tive-mos com o nosso amigo Maestro Virgílio Viegas, na Sala de Emissões da Banda da Brigada Naval, em Alcântara, puzemos-lhe a nossa primeira pergunta:

«—Por o sabermos Regente da banda «Artistas de Minerva», da vossa terra, pode dizer-nos qual o estado artístico em que a encontrou?

—Pronta resposta. Artisticamente bastante abalada devido à sua desorganização, por falta de preparação dos seus elementos apesar de competentes e possuidores de uma boa vontade.

—Faltava-lhes — continua — o técnico, aquela pessoa que, além de os dirigir, tivesse amor próprio por tão simpática colectividade. Porque isto, de reger uma Banda — elucida — não está só na batuta, no valor e nos conhecimentos que possamos ter da Arte; é necessário que os elementos que a compõem, vivam o ambiente musical e se solidarizem com o seu regente, para uma maior elevação da Arte Musical.

Uma das principais condições para se fazer trabalho útil — diz — está na estreita camaradagem entre Regente e componentes. Desde que tal se não verifique, é reman contra a maré; sobrepondo-se sempre, a autoridade do Mestre.

—Quais os meios materiais com que conta para fazer integrar a Banda no lugar que o ambiente musical louletano pede e sempre disfrutou?

—Poucos ou quase nenhuns. A juntar à cotização dos amigos e simpatizantes da Banda — esclarece o nosso amigo — há o subsídio da Ex.ª Câmara Municipal que, embora viesse atenuar a sua precária situação, não é o bastante. A banda carece de uma mais lata ajuda da parte dos que

por ela sentem amor. Por isso, apelo por intermédio da «A Voz de Loulé», para que haja uma melhor compreensão de ajuda e entre-ajuda, em prol da nossa banda. E Loulé tem ainda muitos adeptos da «Artista Minerva», que podem acarinhá-la, ajudando-a.

—Prosseguindo; é digna dos maiores aplausos os incansáveis esforços da sua Direcção feitos, para a sobrevivência da Banda de tão gloriosas tradições. Mas casa onde não há pão...

—Tem algum plano? Pode-se saber?

—Não tenho plano algum. Apenas o que existe, é baseado na grande vontade que tenho de trabalhar em prol da banda, dentro das minhas possibilidades, fazendo nova classe de músicos, isto é, fazer escola, para, no dia de amanhã, substituir aqueles que já se sentem cansados, depois de uma vida inteira posta ao serviço da cultura musical de Loulé. Sim, porque todo o esforço, dedicação e boa vontade de servir a «Artista de Minerva», é o mesmo que servir LOULÉ. Ora, já vê, da necessidade que há em se criar novos elementos para que a banda sobreviva para atingir a craveira de prestígio que outrora, muito ufanamente, disfrutou.

—Acha que Loulé pode manter duas bandas? Como encara uma possível fusão das bandas «União Marçal Pacheco» e «Artista de Minerva»?

—O Maestro Virgílio de Sousa Viegas, de maneira perentória e sem evasivas, responde-nos às duas perguntas que lhe puzemos:

—Acho e nisso, estou plenamente de acordo, com a existência das duas bandas. Mesmo para o prestígio da terra, entendo que Loulé as deve manter e fazer todo o possível para o seu progresso.

—Quanto à fusão, se isso chegasse a ser encarado, que não creio, seria a morte de ambas, «porque desapareceria o «bairrismo» tão necessário a Loulé».

—Aqui demos por finda a nossa conversa, de onde nasceu a entrevista que hoje damos à publicidade, fazendo votos para, quando um dia voltarmos a Loulé, possamos ter o ensejo de constatar que a banda «Artista de Minerva», mercê da proficiente e dedicada regência do Maestro Virgílio Viegas, alcançou aquele grau de elevação musical, que tanto a prestigiam.

Nós bem sabemos que as Filarmónicas portuguesas e sobretudo as algarvias, atravessam uma época de crise, indo, nalgumas localidades, ao declínio quase total, mas a boa vontade dos que adoram e amam a música, podem muito contribuir para as fazer ressurgir às suas primitivas épocas de fulgurante apoteose.

LOULÉ muito precisa de manter o ambiente musical em que tem sempre vivido.

Uma terra sem arte, sem amor pelas coisas belas, sem o gosto pela música, nunca pode ser merecedora do apodo de civilização.

Se a falta residia na necessidade de um Bom Regente, pode-se considerar preenchida — e numa hora bem feliz — essa lacuna existente na Banda «Artistas de Minerva», com a nomeação do Maestro louletano Virgílio de Sousa Viegas.

Agora têm a palavra os «adeptos» e os que prezam o bom nome de LOULÉ.

Luís Sebastião Peres

O problema das instalações desportivas na província

(Continuação da 1.ª página)

tiveram a mínima noção do alcance espiritual do Desporto. São lançadas nas fábricas e nas oficinas, na vida, numa palavra, sem aquela noção de compreensão do fenómeno desportivo, que no futuro lhes será necessária, como possíveis espectadores de acontecimentos desportivos. E, é necessário notar, a percentagem destas crianças é muito grande, constitui mesmo a grande maioria — dizemo-lo com pena, que de nenhum modo nos seria grato ocultar.

Sigamos o caudal do nosso pensamento. Agora é o caso das crianças mais felizes, das que têm possibilidades de continuar os seus estudos, nas Escolas Preparatórias do Ensino Técnico ou nos Liceus. Têm duas horas por semana de Ginástica, na melhor das hipóteses. [Porque nem todas as Escolas e Liceus têm o seu Ginásio] Essas duas horas semanais são as mais felizes que passam na vida escolar. Exercitam-se os corpos, amoldam-se os espíritos a uma concepção digna do Desporto, praticam-se os desportos de Ginásio: o voleibol, o andebol de sete, o ping pong, etc. Mas as aulas acabam, e as crianças que há pouco se divertiam no Ginásio da sua Escola ou Liceu, correm alegremente à procura dum pedaço de terreno, onde possam correr atrás de uma bola, onde possam libertar as suas palavras obscenas, onde possam ser totalmente iguais a si próprias.

Aqui, os comentários são absolutamente desnecessários. E' a verdade tal como a vivemos. Tudo se resolveria se o Futebol, o desporto das multidões, fosse dignificado como o são o voleibol, o andebol, o próprio futebol de salão. Seria difícil? Acho que não.

Para essa dignificação seria necessária a colaboração de técnicos especializados — os professores de ginástica, por exemplo. Mas, acima de tudo, necessitam-se de instalações desportivas, sempre e cada vez mais instalações desportivas, para que todos os desportos estejam em pé de igualdade — é que hoje existe o futebol e os outros desportos.

Continuemos, resumindo. Passa-se pois todo um período escolar, com duas faces voltadas para o Desporto: durante duas horas por semana, o Desporto é ministrado por moldes pedagógicos e culturalmente utilíssimos: durante todo o tempo que os alunos roubam às suas actividades escolares, o desporto aparece-lhes tal como o vemos lá fora: estúpido, depravante, selvático quase...

No entanto, a utilidade deste período escolar, ainda que se não faça

sentir profundamente como seria de deixar, foi cultivada no espírito dos jovens, e os seus frutos derivarão, ou melhor, derivariam, se os jovens, ao saírem dos seus estabelecimentos de ensino, canudo debaixo do braço, tivessem possibilidades de continuar com a prática dignificante das actividades desportivas.

E aqui chegamos a um beco sem saída.

Vejamos o nosso caso pessoal, que é o caso de muitos milhares de jovens portugueses. Saimos da Escola Secundária há quatro anos. Enquanto lá estivemos, embora sem grandes predicações desportivas, passámos o nosso melhor tempo, e deixámos as nossas melhores recordações, nas salas de Ginástica e nos campos desportivos. Muitas vezes apenas como espectador, atento e compreensivo. Depois...

Saimos da Escola. E para nós o Desporto acabou. De algumas centenas de jovens, apenas quatro ou cinco, continuaram a praticar desporto, integrados em vários clubes de futebol. Nada mais, verdadeiramente.


Que transformação se não daria na vida desses jovens, se tivessem possibilidades de continuar a sua prática desportiva, numa atmosfera onde se respirasse realmente Desporto, onde se sentisse dia a dia o progresso conjunto nos corpos e nos espíritos? O que seriam esses rapazes, física e espiritualmente, se, uma ou duas vezes por semana, se dedicassem um pouco ao Desporto nas salas acolhedoras dos Ginásios ou nas águas tépidas e suaves das piscinas?

CA, e neste CA incluo quase toda a província, não existem nem Ginásios nem piscinas. NADA. Apenas ao domingo o Futebol ou o basquetebol praticado por «uns quantos» na sua maior parte pseudo-desportistas, e quase todos os dias — ah como sentimos inveja! — o espectáculo feliz dos jovens dos outros países a sorrirmos-nos no écran do cinema.

Esta é a realidade. Esperemos que outras penas de mais valor se debrucem sobre este deprimido, que poderia ter sido assinado por muitos jovens portugueses, e que corresponde a uma verdade que desejariamos ver dentro de pouco tempo modificada e consequentemente transformada num facto do passado. Onde está o progresso afinal? ..

CASIMIRO de BRITO

Visado pela Com. Censura



Viva com GAZCIDLA

onde quer que viva

O combustível ideal para o seu lar

Consulte o Agente em Loulé:

EDUARDO CORREIA

Telefone 82

A Voz das freguesias

Boliqueime

Os problemas da luz e da água continuam a ser a preocupação máxima e a máxima aspiração dos habitantes desta esquecida freguesia, que apesar de tudo ainda não desesperaram de ver as entidades competentes por eles se interessarem.

Há até muitos optimistas que dizem que já não falta tudo: — A respeito da luz já se vêem os postes que passam aqui bem perto, levando a energia para terras distantes...

... E quanto à água... a da chuva não tem faltado...

Embora não tão importante, há um outro problema por resolver nesta freguesia. Este, porém, é de urgente solução, pela sua extrema gravidade.

Referimo-nos ao lamentável estado em que se encontra a Ponte Barão, por onde se faz a maior parte do trânsito desta freguesia para Albufeira, cujo concelho limita e ao qual também pertence.

Não só o piso da ponte está cheio de covas que a tornam quase intransitável, como as respectivas guardas desapareceram quase por completo, oferecendo agora, aos que forçadamente utilizam este caminho, a perspectiva de uma brusca queda no fundo da ribeira, com as funestas consequências que se podem prever.

A referida ponte, é pertença dos concelhos de Albufeira e de Loulé a cujas Câmaras, portanto é endereçado este apelo.

C.

Almancil

Resultou esplêndida a Festa no Garrão, realizada por iniciativa do sr. Manuel Filipe Leal Viegas Júnior, no passado dia 30.

Alem de inúmeros amigos e colaboradores deste empreendedor proprietário, centenas de forasteiros ali acorreram para presenciar os diversos e interessantes números do programa.

Pena é que o estado do mar não permitisse a realização das provas náuticas. Em compensação, o Balle esteve animadíssimo, com música quase permanentemente, para grande satisfação dos jovens ali presentes.

A Comissão Organizadora dos festejos, cuja finalidade era a obtenção de fundos para um melhoramento público, viu a sua tarefa muito facilitada pela generosa contribuição de muitas pessoas a quem, por esse motivo, exprime o seu reconhecimento.

C.

Parragil

Toda a gente conhece a Ermida da Boa Hora. Ano após ano, o número de pessoas que vêm assistir às brilhantes Festas que em honra de Nossa Senhora da Boa Hora aqui se realizam aumenta sempre, enchendo totalmente o largo fronteiro à Ermida, espalhando-se pelas vizinhanças, em amenos passeios.

Pois bem. Mal sabem essas pessoas que desculadamente por ali passeiam que sob os seus pés se abre um fundo poço onde, se não fosse a providência de alguém que todos os anos tem o cuidado de tapá-lo convenientemente — muitos poderiam des-

prevenidamente cair, ferindo-se gravemente ou mesmo perecendo de encontro aos pedregulhos que enchem o fundo desta nefasta «armadilha».

Porém, sendo embora maior por ocasião das Festas, devido à aglomeração de pessoas naquele local, o perigo de um grave desastre está ali sempre à espreita em todos os dias do ano — enquanto o Poço do Vale da Boa Hora não tiver o «gargalo», arranjado e não for desentulhado.

E pois de esperar que a nossa Câmara tome este assunto na devida consideração providenciando com brevidade para que o referido poço beneficie das condições de segurança de que carece em absoluto... e que são absolutamente imprescindíveis.

C.

Portimão

(Continuação da 4.ª página)

lacionando sempre os valores industriais e piscatórios de Portimão, com a evolução dos mesmos através do espaço e do tempo. Assim, pudemos apreciar algumas informações úteis sobre a pesca das diversas espécies, desde o atum ao bacalhau, e, depois, o desenvolvimento da indústria conserveira, desde a sua origem até à actualidade, ficando mais ou menos inteirados da diversidade e evolução dos processos industriais.

Neste trabalho não são esquecidos os números, tão necessários em estudos desta ordem. E assim, pode observar-se a evolução de Portimão, desde o aumento populacional ao movimento de porto e aos valores progressivos do movimento agrícola e industrial.

A bela Praia da Rocha também não é esquecida, e J. A. N. não se limita a falar-nos do seu clima, do seu valor como praia, do seu plano de urbanização; abrihanta a texto com algumas citações do Dr. Orlando Ribeiro, de Eugénio Alt, do Eng.º geógrafo Dr. José António Madeira. E, de novo, o autor refere-se à história para movimentar ainda mais a sua prosa: conta-nos a história do banho através dos tempos.

Este volume ainda recheado de belas fotografias, que documentam alguns aspectos de Portimão, da Praia da Rocha, da indústria conserveira, da pesca.

Enfim, PORTIMÃO, de Joaquim António Nunes, é um excelente trabalho, que muito honra a cidade a que se refere e a Coleção Estudos Algarvios, que a nossa Casa Regional, em tão boa hora, se lembrou de editar. Esperemos o IV volume, que, concerteza, manterá o alto nível dos seus precedentes.

C. B.

Poupe dinheiro e viaje com segurança

usando no seu automóvel

Pneus M A B O R

A' venda no Stand do Agente

José de Sousa Pedro

LOULÉ

Seis faias se descarregaram no mesmo dia umas ao pé das outras, no local aprazido; seis faias ficaram plantadas na manhã seguinte em Bärhegen, sem que em todo o vale se tivesse ouvido eixo chiando em volta dos malhetes nem a gritaria usual dos carregadores, o relinchar dos cavalos ou os urros uniformes dos bois. Mas lá em cima estavam seis faias, que se tinham levado cá de baixo do princípio da encosta, nem mais nem menos.

Grande foi o espanto em todo o vale e a curiosidade mordida toda a gente. Os fidalgos cavaleiros, em especial, procuravam, admiradíssimos, adivinhar a que pacto diabólico os lavradores se tinham ligado, e por que artes as faias puderam ser transportadas até ao local. Gostariam de lhes arrancar o sossego à maneira paga, mas depressa concluíram que nem os lavradores sabiam tudo, pois eles próprios andavam meio assustados. Só para Stoffeln é que era indiferente a maneira como as faias vinham ter a Bärhegen, o que lhe interessavam especial era que os lavradores tivessem sido poupados nesse serviço. Bem tinha preparado nos sorrisos escarnecedores da gente da sua linhagem, sorrisos que o levaram a uma imprudência tão grande que poderia arruinar toda a gente que gemia debaixo do seu jugo; e se assim sucedesse, o mais prejudicado seria ele, porque os campos ficariam por cultivar. Mas palavra de von Stoffeln não podia voltar atrás. A facilidade com que o serviço era feito caía-lhe bem, e para ele era indiferente se os seus servos tinham comprometido nisso a alma. Que lhe importava a ele a ralé, depois da morte tomar conta dos seus corpos? Tinha chegado a sua vez de se rir dos colegas e armar em protector dos pobres explorados, contra a má vontade dos cavaleiros. Estes porém não dormiram sobre o caso e mandaram escudeiros espíar o que se passava; mas à luz da alva foram encontrados dois corpos inanimados sobre uma vala, para onde foram impelidos por uma mão invisível.

Saíram então dois dos mais valentes espadachins, tão audazes, que onde havia o maior risco nas terras pagãs, eram os primeiros a enfrentá-lo. E ao romper do dia foram também encontrados os dois valentes, gaguejantes de medo, contando que um cavaleiro vestido de cor escarlate, com uma lança na mão, os tinha tombado e deixado sem sentidos. Almas curiosas de mulheres não podiam conter-se, e à meia noite, escondidinhas entre qualquer coisa, espreitavam através de fenda ou buraco da casa para o caminho do vale. Imediatamente um vento venenoso soprava para elas, a cara inchava-lhes e durante semanas não se podia ver nariz nem olhos, e a boca, com dificuldade. Toda a gente deixou então de «spiar, e mais nenhum olhar se dirigiu para o vale, quando a meia noite descansava sobre ele.

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 15

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

Todavia certa noite alguém se encontrava às portas da morte, à espera do último consolo. Mas ninguém se atrevia a ir chamar o padre, porque a hora sinistra estava a aproximar-se, e não havia outro caminho senão por Kilchsbalen.

Então um rapazito inocente, querido de Deus e dos homens, veio do anúncio de agonia em seu pai, correu expontaneamente até Sumiswald.

E ficou pasmado ao chegar à encosta da capela: viu as faias erguerem-se do chão e depois dois esquitos de fogo atrelados a elas, e ao lado, cavalgando, um feiarrão bode preto, um homem verde com um aqoute de lume na mão e uma pena rubra a borboletear sobre o chapéu. E como que assopradas, assim eram arrastadas as árvores pelos ares, como se fossem penas de ave, e tudo rápido como o acender dum fósforo. Foi isto o que ficou na retina dos esbugalhados olhos do pobre rapaz. Mas nenhum mal lhe aconteceu.

Ainda não tinham passado tres semanas e já noventa faias estavam em Bärhegen, abrindo um frondoso caminho, pois todas conservavam vígosa a sua folhagem e nenhuma sequeu. Entretanto nem von Stoffeln nem os outros fidalgos que o escarneceram se sentiam bem debaixo delas. Agitava-se uma dúvida secreta sobre o acabamento da obra, mas fingiam desinteressar-se do caso, embora cada um se consolasse a si próprio: se falhar, a culpa não é minha.

Porém, quem agora se sentia melhor era aquela multidão escravizada com cada faia que subia até ao íngreme monte, pois em cada árvore crescia a esperança de se libertarem daquele jugo e enganar o espírito das trevas. Afinal ele não tinha fiança alguma; depois da centésima árvore lá está o que é que eles teriam que dizer ao caçador? Entretanto não se julgavam muito seguros com o negócio; havia sempre todos os dias o receio de que usasse das suas astúcias e os deixasse entregues a si próprios. Mas aconteceu assim, e em dia

de Santo Urbano, a última faia ramalhava lá do cimo do monte penhascoso a sua folhagem verdejante.

Mal despontou o dia seguinte, o sapateado de velhos e novos ecoava pelos caminhos, todos trementes com o mesmo medo curioso, mas todos giravam em volta, sem se atreverem a entrar no largo onde tinham estado as faias; não se sabia se ali poderia estar algum acoite oculto para os que quisessem enganar o caçador.

Um selvagem moço de gado que conduzia queijo para os Apes, atreveu-se por fim; deu um salto à frente e não encontrou faia alguma nem deu notícia de nenhuma arte mágica no local. Tudo ficou embasbacado, mas ainda havia em todos uma dúvida, e à frente deles mandaram pular o moço do gado até Bärhegen.

E oh maravilha! Lá estava tudo em ordem, com faias nem mais nem menos, lindamente alinhadas, nenhuma seca, a ninguém inchou a cara, nem nenhum doeu uma perna. Enfim, uma festarola cheia de alegria arrastou dentro dos seus corações, e ao mesmo tempo que folgavam, enchiavam de ridículo o caçador e os cavaleiros.

E mais uma vez o lapuz asselvajado fio mandado em serviço, desta vez para comunicar a von Stoffeln que em Bärhegen já estava tudo em ordem, e que podia vir contar as faias.

Chegou porém a vez do intratável senhor se encher de terror. Teria mais prazer em lhes ordenar que desfizessem novamente a avenida das faias, mas a sua soberba não podia fazer tal, por causa dos seus cavaleiros; não queria que agora se rissem da sua superstição. O que é verdade é que não tinha conhecimento do contrato dos lavradores nem de quem se tinha imiscuido naquele negócio tão misterioso, e deu como resposta ao vaqueiro que, como o serviço estava pronto, podiam regressar a casa.

Tudo prorrrompeu em alarido e entusiasmo, ao ouvir a certeza pela boca do rústico vaqueiro; a juventude perdeu a linha e dançou selvaticamente à sombra das faias, e os seus cantares semelhantes aos dos tiroleiros ecoaram de barranco para barranco, do monte para monte, e ressoavam de encontro aos muros do Castelo de Sumiswald. A velhice prudente avisava e pedia, mas os corações orgulhosos não lhe prestavam ouvidos; para estes, se a desgraça viesse, só os velhos seriam culpados, e eram eles que com as suas hesitações e recelos a tinham atraído. E afirmavam com altivez que ainda havia de chegar o tempo em que se reconheceria que o orgulho varre do chão a desgraça. O regosio continuou sobre montes e vales, para dentro de todas as casas, e onde ainda pendia sobre o fogo um bocadinho de carne do tamanho dum dedo, tudo foi trincado, e onde ainda havia manteiga da altura duma mão traveza, tudo foi convertido em doçaria.

(CONTINUA)

Participações de nascimento

Em modernos e originais modelos, executam-se na

Gráfica Louletana

A Voz de LOULÉ

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

Um vento incomodativo a soprar nubes de poeira... um cartaz «compreendendo apenas dois jogos... os teams em presença algo «pendurados»... no fim da tabela... a inauguração da Feira Popular em Faro... foram factores a arredar do Estádio Campina os espectadores, proporcionando assim uma frágilíssima assistência à 8.ª jornada do Torneio Popular de Futebol de Loulé realizada no passado domingo, dia 2.

Até os jogadores parecem ter-se ressentido do desinteresse do público, não dando o rendimento habitual, muito especialmente aqueles de quem seria lícito esperar melhor exibição...

Assim, vimos no primeiro desafio o Unidos em plena desorientação perante o Almansil, que também, aliás, não parecia muito seguro, mas cujos esforços sempre se traduziram por 1-1, equivalente a uma vitória se atentarmos no adversário.

O resultado foi conseguido somente no 2.º tempo, depois de muitas tentativas infrutíferas de parte a parte.

No 2.º e último desafio da tarde os Leões entraram bem, respondendo «taco a taco» em toda a 1.ª parte, e marcando, no princípio da 2.ª o primeiro gol da partida.

Só «foram abaixo» perto do final, perante a persistente e enérgica reacção do Ponto Azul, cuja contra-ofensiva acabou por se traduzir em 3 golos nas redes dos Leões.

E pronto. Com estes 3-1 acabou o desafio e com ele esta jornada, de apagada história e fraca memória...

Espectador

Concerto na Avenida

Sob a preciente regência do nosso contrabaixo sr. Virgílio de Sousa Viegas, a Filarmónica Artistas de Minerva executará na próxima 2.ª feira, Feriado Nacional, um concerto no coreto da Avenida José da Costa Mealha, das 17 às 19 horas.

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Junho:

Em 9, o menino José Manuel Viegas Vicente de Brito.

Em 18, a sr.ª D. Maria do Carmo Domingues Bolotinha, residente em Lisboa e os srs. José Marcelino Baptista e Carlos Ramos Martins Elias.

Em 20, o sr. Augusto Maria Domingues Bolotinha, residente em Lisboa, a menina Idália Maria Fogaça da Costa, residente em Faro e o menino Joaquim Manuel Judice Pontes.

Em 21, a sr.ª D. Maria Murta Oliveira e Sousa, D. Maria Alexandrina Murta Oliveira Chumbinho e o menino José do Santos Bota Centeno Passos.

Em 22, o sr. João Valadares d'Aragão e Moura e as sr.ªs D. Esmeralda Vairinhos Dias e D. Tomazia Vairinhos Dias, e o sr. José Vieira Martins, residente em Quarteira e o menino José dos Santos Bota Centeno Passos.

Em 23, o sr. Joaquim Corpas Rocheta, residente em Mogambique, a sr.ª D. Joana Passos B. Correia e a menina Damázia de Sousa Vairinhos Dias.

Em 24, as meninas Eunice Maria da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa, Maria João Mendonça Portela, a sr.ª D. Maria Santos Russos e o sr. Eduardo João Passos Correia.

FALECIMENTOS

Com a idade de 64 anos, faleceu nesta vila, no pretérito dia 6 do corrente, o nosso prezado assinante sr. José da Piedade Coelho, proprietário, solteiro, que durante longos anos foi guardalivros da firma J. F. Guerreiro, Suers.

O extinto era filho de Joaquim da Piedade Coelho e Angelina Coelho, falecidos, e irmão do sr. Joaquim da Piedade Coelho e sr.ª D. Maria da Luz Coelho de Matos, casada com o sr. Efigénio de Matos.

A família enlutada endereça-nos as nossas sentidas condolências.

PARTIDAS E CHEGADAS

Por ter sido colocado em Lisboa, fixou residência na capital o nosso prezado assinante e contrabaixo, sr. Gaspar da Piedade Silva Encarnação, funcionário da Secção de Finanças.

BAILE na Sociedade R. Almansilense

No domingo, dia 9, realiza-se mais um animado baile nesta Sociedade, com a participação duma excelente orquestra.

Igreja do Ameixial

O sr. Ministro das Obras Públicas concedeu, pela verba do Fundo do Desemprego, à Diocese do Algarve, uma participação de 20 contos para a 1.ª fase das obras de reparação em curso na Igreja do Ameixial, do nosso concelho.

Francisco Vargas Freire

Tem o prazer de participar ao Ex.º Público de Loulé, que sob a denominação de

CASA VARGAS

acaba de abrir na Praça República, 34-38 (em frente ao edifício da Câmara Municipal) um moderno estabelecimento de fazendas e retrozeiro, cujo abundante sortido inclui as mais recentes novidades em:

Sedas ~ Tecidos de lã e algodão ~ Malhas ~ Colchas ~ Atoalhados ~ Camisas ~ Meias, etc., das melhores qualidades e aos mais baixos preços.

Não faça, pois, as suas compras sem consultar a **CASA VARGAS**

A Cantina Escolar

(Continuação da 1.ª página)

nhando o dinheiro correspondente a 6 meses duma cota mensal que fixou em 30\$00. Mais um sócio, um bom sócio, que, a exemplo do Evangelho, dá com a direita de modo que a esquerda não veja. Não diz o seu nome... Mas bem haja pela acção. Que muitas «Famílias louletanas» sigam o seu exemplo.

Muitos podem ser sócios e não o são, talvez por indiferença, talvez por desconhecimento... Para os que desconhecem, dirigimos estas palavras. Para os que fizeram chegar até nós o auxílio pedido vão os nossos agradecimentos. E, aos indiferentes, que poderiam ajudar a Cantina e não o fazem, simplesmente porque não o fazem, dir-lhes-emos: Ide à Escola Masculina n.º 1, onde funciona a Cantina Escolar. Reparaí nos olhinhos famintos das crianças, na sofreguidão com que comem o prato da sopa apetitosa e fumegante. Pois bem; para que isso fosse possível, contribuíram muitos dos vossos contrabaixos, alguns dos vossos vizinhos. Podeis sentir como eles a alegria que proporciona a prática duma boa acção.

Se contribuídes para esta obra, as crianças beneficiadas poderão ser mais, pois as precárias circunstâncias em que a Cantina se encontrava obrigaram-nos a reduzir o número dos que disfrutavam deste benefício. Essas e outras mais, precisam da vossa ajuda.

«Ajudai e... sereis ajudados». A Cantina espera mais sócios e mais ofertas. Bem hajam os que chegaram até nós a ajudar-nos.

O. M. C.

O Problema do Figo Industrial

(Continuação da 1.ª página)

o Algarve, do chamado figo industrial.

Apresentou àquele ilustre membro do Governo uma longa e fundamentada exposição de que, no próximo número, daremos as principais passagens para conhecimento do público interessado, sobre a qual o Sr. Dr. Ulisses Cortês fez depois várias considerações.

Das declarações do Sr. Ministro ficámos com a impressão de que, não obstante a re-olucão do problema estar ligada ao do alcool, o Governo procurará tomar medidas que permitam minorar as dificuldades da Lavoura Algarvia. Assim, para já, foi despatchado imediatamente pelo Sr. Dr. Ulisses Cortês no sentido de ser levantado o figo ainda existente no Algarve, com redução da taxa a cobrar pela Junta Nacional do Vinho de modo a diminuir, dentro do possível, os prejuízos resultantes da diferença de preços. Para o futuro, foi ponderada e prometida a criação de cooperativas de destilação, com a garantia de que a primeira o seria no Algarve, com possibilidades, até, de fabrico de alcool; a fomentação do consumo de alcool de preferência a qualquer outro produto, de forma a escoar a produção; o fomento das actividades agro pecuárias com intensificação da assistência técnica à Lavoura, de modo a melhorar a produção do figo comestível a devolução, à produção dos 10.000.000\$00 acumulada na J. N. V. pela cobrança de taxas sobre o alcool e que ainda não foram



PORTIMÃO

Por **Joaquim António Nunes**

A louvável iniciativa da Casa do Algarve, ao encarregar a sua Comissão Cultural para dirigir uma Coleção de Estudos Algarvios, teve agora seguimento com a publicação do seu III volume — Portimão, da autoria de Joaquim de Sousa Nunes, Membro do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, na qualidade de representante do concelho de Portimão.

Os dois primeiros volumes desta colecção, Património Cultural Arábico-Algarvio e Sagres e o Infante, parece que constituiram êxito assinalável. Não me chegaram à banca de trabalho, mas pelas referências dum amigo, são obras realmente sérias e que muito contribuem para uma possível biblioteca algarvia.

PORTIMÃO, o volume de Joaquim António Nunes, é um trabalho de valor. O autor não se limita a falar de Portimão, a bela cidade do Arade, e não perde uma oportunidade de informar sobre quaisquer assuntos que se relacionem com as actividades de Portimão.

Começa por se referir às hipóteses sobre a fundação, ou melhor, sobre as origens da actual cidade. Refere-se a Porto Anibal, demonstrando conhecimentos ou elementos históricos perfeitamente alinhados. E continua referindo-se também aos lugares que existiram perto da actual Portimão, concluindo inteligentemente sobre o assunto. E entramos na História de Portimão, e na sua evolução, onde primeiro a necessidade de uma pon-

aplicados nos finos a que se destinavam; e a criar novas aplicações para o figo industrial e um tratamento em pé de igualdade da produção do Algarve e de Torres Novas. Finalmente aquele membro do Governo anunciou para breve a publicação de um diploma que cria o concelho do Alcool, a funcionar junto da Junta Nacional do Vinho, aonde o Algarve estará representado para estudo e resolução dos problemas respeitantes à indústria e comércio do alcool, cuja ligação com os do figo é bastante íntima.

Ficou-nos a impressão que neste ramo da sua vida agrícola a nossa provincia vai merecer a atenção dos poderes públicos e conseguir a almejada igualdade de tratamento com relação a Torres Novas, no que aliás, nos não será feito favor.

GELADOS?

Só no Café Aviz

Instalações apropriadas, com todos os requintes de higiene; matérias primas da mais segura procedência; um fabrico esmerado e consciencioso e uma enorme variedade de bem apaladadas espécies tornam esta Casa a preferida — em Loulé, pelos bons apreciadores e conhecedores de gelados...

O seu proprietário, Francisco de Sousa Lopes, também está apto a fornecer estes deliciosos gelados ao domicílio, em embalagens próprias, bem como para casamentos, festas, etc.

Vende também os inigualáveis Gelados Rajá, de que é representante.

Por isso você não esqueça... o que já toda a gente diz: — logo que um gelado lhe apeteça prefira os do Café Aviz...

VENDE-SE

Uma courela de terra de barrocal, com alfarrobeiras, no sítio de Morgado de Salir.

Uma courela de terra de semear com azinheiras, figueiras e amendoeiras, no sítio de Pé da Serra (Salir).

Tratar com Jaime de Sousa Calado—Loulé.

Achados

ENCONTRAM-SE no Posto da P. S. P., desta vila, e serão entregues a quem provar pertencer-lhe, vários molhos de chaves e algumas soltas.

As regas valorizam as suas terras...

Os motores VILLIERS

valorizam as suas regas...

Portanto adquira quanto antes um destes esplendidos motores no Agente em Loulé

Manuel Francisco Guerreiro

Largo Gago Coutinho, 11

e verá rapidamente aumentado o seu rendimento

Comissão Municipal de Assistência de Loulé ANÚNCIO

FAZ SE PÚBLICO, que no dia 20 de Junho de 1957, pelas 16 horas, na sede da Comissão Municipal de Assistência de Loulé (Santa Casa da Misericórdia de Loulé) perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de empreitada de construção do mobiliário para o Centro de Assistência Social Polivalente em Loulé.

Base de licitação 186.358\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações, o depósito provisório de Esc. 4 659\$00, mediante guia passada pela Comissão Municipal de Assistência de Loulé, em qualquer dia útil, durante as horas de expediente, e até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa de concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente, na Câmara Municipal de Loulé e na Direcção de Urbanização de Faro.

Comissão Municipal de Assistência, 20 de Maio de 1957.

O Presidente da Comissão Municipal de Assistência de Loulé,

José Trindade Figueiredo de Mascarenhas

MOBILIAS

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na

CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis Colchões MOLA FLEX Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador

